

# AS URGÊNCIAS, INSURGÊNCIAS E EMERGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, DO ENSINO REMOTO À EDUCAÇÃO ONLINE: A DISRUPÇÃO ENTRE A PRESENCIALIDADE E VIRTUALIDADE.

Fábio dos Santos Coradini<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Marinha do Brasil, fabiocoradinic@gmail.com

**Resumo:** A proposta apresentada neste artigo se constitui em questões abrangentes sobre a Educação a Distância (EaD), Ensino Remoto (ER) e Educação Online (EO), suas urgências, insurgências e emergências no campo educacional, virtude momento pandêmico ocasionado pela COVID-19. Além de retratar os questionamentos quanto a disrupção da presencialidade e virtualidade na sala de aula, o artigo apresentar importantes conceitos quanto a Educação Online e a Cibercultura.

**Palavras-chave:** Educação a Distância, Ensino Remoto, Educação Online, Cibercultura.

## 1. Introdução

Inicialmente podemos pontuar que a educação brasileira jamais esteve preparada para ter a sua presencialidade afetada, interrompida e reestruturada. Diversos são os fatos históricos em que a educação precisou ser repensada, mas nada tão emergencial como após a infecção e disseminação mundial do COVID-19.

Analisando as emergências do recorte histórico em 2020, a propagação mundial do COVID-19 fez com que novas ressignificações se tornassem fundamentais para um “novo” modelo de realidade e vivência em sociedade. Todos os setores sociais foram afetados e novas posturas e atitudes precisaram ser repensadas instantaneamente. Em um recorte de dias as pessoas precisaram se trancar em suas residências, isolar-se de suas rotinas, providenciar ações para a condução de teletrabalhos remotamente e principalmente se utilizarem da criatividade para reinventar-se. Os filhos acometidos em casa, a escola estudando estratégias para fazer com o processo educacional chegasse as suas casas e a internet tornou-se o aliado de sobrevivência e um aglomerado de vozes digitais que clamavam para serem ouvidas, acessadas e assistidas.



As “lives” foram ocupando os diversos espaços do tão temido isolamento, tornando-se um dos maiores nomes reluzentes no século. Santaella (2020) afirma que a palavra do ano será live, pois de acordo com a pesquisadora já foi *selfie*, já foi pós-verdade, agora vai ser LIVE<sup>1</sup>. A palavra é ótima porque tem vários sentidos: o milagre de viver, sobreviver à revelia da pandemia, de um lado; de outro, o tsunami de vídeos no Youtube, no Instagram, no Twitter e no Facebook. Ninguém pode se queixar de sentir tédio. São muitos passarinhos cantando em nossas telas.

Partindo desse pressuposto, muitas foram as maneiras descobertas, resignificadas e redescobertas para que a comunicação digital fosse o maior elemento de integração entre a casa das pessoas e o mundo externo. Entre tantos segmentos sociais, a educação não se encontrava preparada para a disrupção da presencialidade em sala de aula. Nota-se que a pandemia da COVID-19 construiu um novo desenho didático e muitas foram as invenções materializadas em atos digitais de currículo. A educação vislumbrou possibilidades de atos digitais, porém encarou problemas em que ela mesma muitas vezes ocultou da sua construção dentro da cibercultura. Inicia-se assim os debates entre Educação a Distância (EaD), Ensino Remoto (ER), Educação Online (EO), atividades síncronas e assíncronas e o maior problemas de todos, o acesso. Os alunos começaram a apresentar socialmente os problemas de acesso digital, de navegação a internet e manipulação dos dispositivos móveis, assim como evidenciou o despreparo de professores, alunos e a escola.

## 2. As urgências, insurgências e emergências da Educação a Distância (EaD), do Ensino Remoto (ER) e da Educação Online (EO).

Há tempos que percebemos uma EaD massiva e desmembrada do seu propósito como elemento de emancipação na vida digital e modalidade educacional. Ofertada como um instrumento mercantil e sem vitalidade científica a EaD perdeu em sua forma, seu desenho didático e principalmente seu propósito. Segundo dados histórico da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), Alves (2011, p.89) afirma que temos uma EaD sendo praticada desde 1904, porém realmente inserida no campo de acesso a população no ano de 2000 com a formação da UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne dezenas de instituições públicas comprometidas com a democratização do acesso à educação de qualidade, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão.

No ano de 2020 atravessamos um dos maiores desafios do século, e a educação se apresentou despreparada para a condução de ações que pudessem imediatamente minimizar os impactos sobre os alunos e o ano letivo. Os professores e alunos se encontraram em uma linha desajustada onde a cooperação tornou-se o maior valor a ser compartilhado, pois neste momento constituía-se a interação e o saber colaborativo. De acordo com Santos (2020) o desenho didático precisou ser repensado para que o viés da comunicação docentes/alunos/alunos fosse mantido e expandido. Segundo a professora trata-se de uma comunicação “todos-todos” que

1 Lives são transmissões síncronas de conteúdo em forma vídeo *online*. Esses vídeos se materializam em diversas metodologias. Transmissões de conteúdos individuais e ou coletivos

garante a sala de aula online. Sem a presença dos alunos e docentes em processos de comunicação interativa, habitando a sala de aula cotidianamente, não temos educação online. Cabe ressaltar um importante ponto nesta questão, pois a plataforma virtual apenas tornar-se-á um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) se as pessoas produzirem um currículo online cotidiano, produzindo sentidos, ambiências criativas e processos capazes de promover a subjetivação em rede. As urgências conectadas as insurgências e emergências educacionais eram o grande desafio a ser atravessado, evidenciando grandes problemas de acesso e dificuldades em conduzir uma educação remota, evidenciada pela longitude no tempo e /ou no espaço, o rompimento da presencialidade e imposição de isolamento social gerada pelos altos índices de infecções e mortes decorrentes da COVID-19.

Santos (2020) afirma:

Avançamos na materialidade de apresentação dos conteúdos. Polifonias foram mais garantidas com o blog. Nem precisa dizer que o uso do blog só para acessar conteúdo digital já era bem melhor que deixar a pasta física com os textos na xerox da faculdade. Mas a comunicação com alunos, que nem sempre era interativa, estava apenas centrada num dia e hora da semana. Hoje temos clareza de que essa prática é o chamamos atualmente de “ensino remoto”.

Os processos educacionais presenciaram a falta de conta físico e a larga inexperiência em conduzir o ensino no campo digital. As interfaces de comunicação síncrona e assíncronas tornaram-se as grandes aliadas do movimento e o ciberespaço se transformou no lugar de fala das instituições e pessoas e de todos os movimentos desde a arte até a música. As insurgências se depararam com um ciberespaço subutilizado como lugar de encontro, muitas vezes funcionando apenas no movimento assíncrono para acesso a conteúdos e disciplinas que poderiam ser ofertadas na modalidade online. Inicialmente os docentes disponibilizavam os materiais em discos virtuais ou nuvens e até mesmo em diversas outras interfaces e plataformas, porém a interação não acontecia espontaneamente, apenas com hora marcada. Estas são as características do “Ensino Remoto”.

### 3. Além do Ensino a Distância (EAD) e aquém da Educação Online (EO).

O ciberespaço como interlocutor da comunicação precisa ser habitado, explorado, investigado e acima de tudo compreendido. De acordo com Santos (2020) Ensino Remoto não é EAD e muito menos Educação Online. Há muitos anos temos praticado e pesquisado Educação a Distância e Educação Online, mas nunca poderíamos imaginar que, de um dia para o outro, ou as pessoas estariam aprendendo-ensinando pelas tecnologias digitais em rede, ou estariam com as aulas paralisadas por conta de um vírus (PIMENTEL, ARAUJO, 2020a).

Um dos grandes movimentos destas questões pertinentes ao desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem com “isolamento social”, permeou o grande “corre-corre” de professores e escolas que não sabiam, ao certo, como proceder: como trabalhar pelo computador? Como usar plataformas e interfaces digitais? Qual será a abordagem pedagógica? E os conteúdos? E as



formas e maneiras de avaliar? De acordo com Pimentel (2020) para cada uma dessas perguntas, que acreditamos serem as mais importantes para *pensar/fazer* a educação em tempos de pandemia (e também na pós-pandemia), não existem receitas, mas princípios que norteiam e estruturam a abordagem da educação online, como por exemplo: conhecimento como “obra aberta”, curadoria de conteúdos online, ambiências computacionais diversas, aprendizagem colaborativa, conversação e interatividade, atividades autorais, mediação docente ativa e avaliação baseada em competências, formativa e colaborativa.

Trata-se de um importante momento para discutirmos as práticas didático-pedagógicas, visto que estamos atravessando um momento sem precedentes na história da humanidade. A Educação a Distância possui uma história contextualizada na constituição do acesso digital, porém com as grandes demandas na sociedade, vislumbrou-se a necessidade de avançar nas questões que envolvem educação mediada pela tecnologia. De acordo com Pimentel e Araujo (2020) como ponto de partida, precisamos diferenciar Educação a Distância (EAD), que é uma modalidade educacional alternativa à educação presencial, daquilo que denominamos de Educação OnLine (EOL), que é uma abordagem didático-pedagógica.

Santos (2009, p. 5659) afirma que assumimos desde já que a educação online não é apenas uma evolução das gerações da EAD, mas um fenômeno da cibercultura. Lévy (1999, p. 130) entende a cibercultura como a expressão da aspiração de construção de um laço social, enquanto Lemos (2008, p. 11) enfatiza que a cibercultura é a “cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” e por conseguinte, Santos (2009, p. 5661) ressalta que:

Essa mudança se caracteriza, dentre outros fatores, pelo movimento do faça você mesmo. O ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias. Podemos encontrar desde mídias como jornal, revista, rádio, cinema e televisão, bem como uma pluralidade de interfaces que permitem comunicações síncronas e assíncronas a exemplo dos chats, listas, fóruns de discussão, blogs dentre outros. A rede é a palavra de ordem do ciberespaço!

Segundo Lemos (2020), falar de educação, especialmente no contexto atual, em que a Internet agrega todo um universo de conhecimento que antes não havia disponível, é também falar das condições de moradia e de acesso dos alunos à cultura virtual. “Níveis diferenciados de acesso à informação leva a níveis diferenciados de aprendizado”, pontua. Na simbologia do “além” e “aquém” precisamos entender que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) funcionam como uma espécie de “janela do mundo” (Lemos, 2020), porém no Brasil essa janela se encontra direcionada para uma minoria elitista.

A educação online, assim como a educação a distância, são uma modalidade e abordagem pedagógica de cunho democrático, público e disponível a todos por pleno direito de acesso a educação e suas possibilidades. Infelizmente ainda vivenciamos a precariedade na presencialidade em sala de aula e uma larga escala de excluídos digitais, cerca de 45.960 milhões de pessoas, uma média de 25% de toda a população com 10 anos ou mais de idade, não se apropriam dos benefícios



disponíveis na rede, conforme apresenta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua – TIC) de 2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A referida pesquisa ainda nos apresenta um escopo desta realidade, ou seja, entre os motivos para a falta de acesso à internet, 41,6% disseram que não sabiam usar a rede, 34,6% declararam falta de interesse, 17,5% declararam que o serviço ou o equipamento eletrônico necessário eram caros, e 4,5% disseram que não havia serviço de internet disponível nos locais que frequentava. A indisponibilidade do serviço de internet era um empecilho especialmente em áreas rurais, onde foi mencionado por 12% dos excluídos digitais como justificativa para não acessar a rede. Na Região Norte, 13,8% das pessoas que não acessaram a internet apontaram a falta de serviço em sua região, enquanto na Região Sudeste apenas 1,9% mencionaram essa justificativa.

A referida pesquisa apenas formaliza uma realidade que enfrentamos dentro das nossas salas de aula e nos acessos a interfaces e instrumentos de construção das ambiências formativas, dos dispositivos de acesso e da democratização digital. A educação online abre espaço para a comunidade sociotécnica compreender o espaço digital e literalmente potencializá-lo como um conjunto de ações de ensino e aprendizagem e necessariamente como mencionado por Santos (2009, p. 5663) em “atos de currículo mediados por interfaces digitais” capazes de transcender com as práticas comunicacionais e hipertextuais.

#### 4. Considerações Finais

De acordo com Santos (2009) cada vez mais sujeitos e grupos-sujeito, empresas, organizações, enfim, espaços multirreferenciais de aprendizagem vêm lançando mão desse conceito e promovendo a difusão cultural de suas ideias. Esse conjunto de ações potencializa e democratiza o acesso à informação de qualidade, a uma comunicação social de larga escala e o principal que é a aprendizagem entre os mais diversos sujeitos estrategicamente e geograficamente distanciados no espaço e tempo, funcionando assim como um elemento propulsor da educação presencial e ou da educação a distância / educação online. Segundo Lemos (2020) existe um falso dilema ao falar de substituição quando se fala de educação não presencial. Não se substitui. O que precisamos é reconstruir, é integrar o virtual com o presencial”, promover um espaço-escola capaz de se apropriar de um ato de currículo digital capaz de integrar a presencialidade e virtualidade em um único contexto: o ensino e aprendizagem.

Portanto, o maior desafio para a educação no pós-pandemia será resolver problemas que envolvam as questões de infraestrutura e o enorme despreparo das gestões, dos professores e dos alunos. Provavelmente ressignificaremos todas estas problemáticas e crescer, justamente pensando que a COVID-19 diretamente posicionou a sociedade em pensar e repensar a educação em importantes norteadores apontados por Lemos (2020), que são as “responsabilidades coletivas, fazendo valer o que é interessante dessas tecnologias, e a buscar novas formas de acesso à informação”.



## 5 - Referências

ALVES, Lucinéia. **Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo**. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância (RBAAD). Vol 10 – 2011 – Editora ABED - São Paulo/SP.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pnad Contínua – TIC**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=sobre>. Acesso em 10 out 2020.

LEMONS, André. **Cibercultura, hipertexto e cidade: a literatura e as artes no contexto das tecnologias digitais**. São José do Rio Preto: [s.n.], 2008.

\_\_\_\_\_. **“Desafios da Universidade e da Educação Pós-Pandemia”**. Palestra de encerramento dos Encontros Universitários 2019 (EU 2019) da Universidade Federal do Ceará (UFC) / 22/05/2020. Disponível em: [https://youtu.be/EKK\\_wfSlc-E](https://youtu.be/EKK_wfSlc-E). Acesso em 09 out 2020.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! **SBC Horizontes**, maio 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online>. Acesso em: 9 out 2020.

SANTOS, Edméa. **Educação online para além da EaD: um fenômeno da cibercultura**. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009

\_\_\_\_\_. Notícias: EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho...: **Revista Docência e Cibercultura**, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em 9 out 2020.

\_\_\_\_\_. Notícias: #livesdemaio... Educações em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1109>. Acesso em 10 out 2020.